

## OPINIÃO

# O desemprego, os excluídos e a universidade

Aiporê Rodrigues de Moraes\*

A capital da República acaba de bater mais um triste recorde. Na esteira da crise econômica por que passa o país, a taxa de desemprego alcançou a casa dos 19,9% em dezembro — crescimento de 0,7 ponto percentual em relação ao mês anterior. Os dados da Codeplan revelam ainda mais uma triste constatação: nem as compras de fim de ano foram capazes de estabilizar o cenário de desemprego crônico do Distrito Federal.

A retração do emprego no DF é histórica. As curvas de desemprego começaram a crescer muito acima da média nacional, no momento em que o Estado, o principal investidor da região, apresentou os primeiros sinais de falência do modelo intervencionista. A incapacidade de investimentos do setor público implicou na redução do mercado histórico de oferta de empregos da cidade — a administração pública.

Hoje, a taxa de desemprego da cidade é o dobro da média nacional. E pior: do lado do emprego, as perspectivas não são nada animadoras. Na economia local, centrada basicamente no setor terciário (serviços), o impacto da recessão é descomunal. Depois da recente desvalorização do real, as estimativas dos economistas indicam, infelizmente, o agravamento da crise de emprego em 1999. Se o



aprofundamento da recessão poderá aumentar em 3 pontos percentuais, no mínimo, a taxa de desemprego em nível nacional, aqui no Distrito Federal o desemprego, mais do que nunca, tornou-se uma incógnita. Porque o cenário recessivo que temos pela frente exigirá criatividade das políticas públicas locais de fomento ao emprego.

Ninguém ignora que a década de 90 também foi perdida para a capital federal. Em seis anos (1990 – 1996), o crescimento do PIB per capita da cidade, medida real de riqueza, foi de cerca de 5%, contra um aumento populacional de 17%. As taxas históricas de desemprego pularam de 13% para os atuais cerca de 20%, como demonstra a última pesquisa da Codeplan. E o mais lamentável: a recessão aprofundará a incapacidade de investimento do setor público, para desespero de um exército de 172,4 mil desempregados.

Acrescente-se ao pessimismo das variáveis macroeconômi-



cas, uma outra revolução do mercado de trabalho: o emprego mudou de cara, particularmente nos anos 90. A sociedade do conhecimento e da informação exterminou milhares de vagas e impôs um novo paradigma: a empregabilidade. Nem as camadas mais humildes da população brasileira, tradicionais fornecedoras de mão de obra barata, salvaram-se das exigências de produtividade. Hoje, quem não domina a informação minimamente necessária à sua atividade profissional, seja ela qual for, sequer tem chances de bater à porta do mercado de trabalho. É um excluído por antecipação.

Como professor de uma universidade pública, estamos atentos aos desafios do novo paradigma do mercado de empregos. Também nós, em todo o país, nos esforçamos para atualizar nossos cursos de formação às exigências de um mundo que globalizou não só a oferta e procura de produtos, mas o próprio mundo do trabalho. Por mais

paradoxal que pareça, partilhemos hoje dentro da universidade as mesmas perplexidades da massa de desempregados

Ao longo da história contemporânea do país, a universidade pública brasileira nunca se negou a participar das soluções dos problemas nacionais. Muito menos se negaria agora. Acreditamos que temos muito a fazer pela camada excluída da população, destituída das mínimas condições de acesso à informação e ao conhecimento. Refletir não apenas sobre a formação de nossos alunos, como já fazemos, mas também sobre a possibilidade de incluir parcela dos atuais desempregados em nossos campi, reciclando-os e os aperfeiçoando. É apenas uma proposta. Que não deve ser lida como panacéia. A universidade brasileira pode contribuir ainda mais com o futuro da nação, não apenas investindo no que tem por obrigação investir: em cursos de graduação e pós-graduação. Mas se sensibilizando em direção àqueles que hoje estão excluídos do mercado de trabalho — os trabalhadores simples e humildes que apenas querem de volta o que um dia a sociedade da opulência lhes prometeu: o emprego.

\*Professor da Universidade de Brasília (UnB) e coordenador geral do Métrica/UnB — Núcleo de Estudos Avançados em Métodos Quantitativos, Qualidade e Análise de Mercado